



QUANDO O INDIVÍDUO ALUNO INTERFERE NO SUJEITO EDUCADOR: DESAFIOS E REFORMULAÇÕES DA PRÁTICA DOCENTE

Camila Cristine Viana Mendes ¹
Aline Ádria Candido Ribeiro Borges ²

RESUMO

O seguinte trabalho tem como objetivo abordar a atual situação estudantil, tendo como recorte os estudantes e educadores do curso Preparatório para o Ensino Médio, da organização social Redes de Desenvolvimento da Maré, localizada no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Após dois anos de um afastamento forçado das salas de aula e do espaço escolar, os alunos apresentam novos comportamentos que exigem uma reflexão acerca das práticas pedagógicas e dos recursos utilizados para reaproximar os estudantes da rotina de estudo. Da mesma forma, o corpo docente é afetado pelo período de aulas remotas, pela mudança de comportamento dos estudantes e pelas novas situações que atravessam a sala de aula. Dessa maneira, a partir do que é vivenciado em sala de aula, este artigo discute as diferenças provocadas pela falta do convívio social e pela brusca e longa interrupção do processo de ensino aprendizagem, que afetam não só o corpo discente, como também professores e profissionais da educação. Como metodologia, além de autores como Paulo Freire, foi utilizado o conhecimento empírico das experiências em sala de aula relatadas pelos educadores do projeto e discutidas em reuniões de equipe. Como possível solução para a nova situação apresentada no ambiente escolar, este artigo aborda o diálogo e promoção de maior interação entre os alunos, uma vez que se apresentam relutantes às aulas tradicionais e apresentam maiores demandas no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação, Sala de aula, Profissionais da educação, Práticas pedagógicas, Novas metodologias.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar por si só já apresenta diferentes barreiras, uma vez que atua com muitos alunos, levando em consideração a singularidade de cada indivíduo. Entretanto, tais características podem ser potencializadas se pensado o impacto que o período de reclusão proporcionou no campo emocional, de estudo e psicológico, não só do aluno, como também dos profissionais da educação. Sendo assim, o que já se apresentava como uma barreira no

¹Graduada pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, camilamendes@redesdamare.org.br

² Especialista em Políticas de Gênero e Direitos Humanos, graduada pelo Curso de Serviço Social, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, alineadria@redesdamare.org.br

processo de ensino aprendizagem passou a ocupar um espaço de necessidade ainda mais grave e preocupante, pois os novos comportamentos - quando não os mesmos, mas potencializados - postos em prática, se apresentam enquanto desafio por afetar, não apenas os alunos, mas, da mesma forma e, por vezes, com a mesma intensidade, outros sujeitos implicados no processo de aprendizagem, como os professores, por exemplo.

Fatores emocionais, sempre observados em sala de aula, embora em intensidade diferente, com a pandemia da Covid-19 e os dois anos que atravessaram diretamente o acesso à educação e o convívio social dos alunos e, da mesma forma, dos profissionais da educação, seja em função das aulas remotas, dos adoecimentos e mesmo das perdas sofridas, se tornaram pontos de atenção no ambiente de ensino-aprendizagem.

O período de isolamento social trouxe muitas implicações, para todos os públicos, de diferentes idades. Entretanto, pensando nos maiores envolvidos por essa situação, os alunos – estes crianças e adolescentes – foram mais impactados negativamente. A princípio, por estarem no momento de transição e amadurecimento, viram seu processo de ensino e aprendizagem interrompido e, além disso, perderam o contato social com os colegas de escola, professores e comunidade escolar. Dessa forma, na volta ao ensino em modalidade presencial, demonstraram alguns comportamentos referentes às emoções e possíveis frustrações que sentiram nos dois anos reclusos. Dessa maneira, este trabalho tem como finalidade apresentar o comportamento estudantil e, conseqüentemente docente, atrelado às questões externas trazidas e potencializadas a partir do período de isolamento social e aulas remotas.

Desse modo, comportamentos como raiva, insegurança, vergonha em apresentar dúvidas, agressividade, pensamentos depreciativos ou até mesmo crises de ansiedade são frequentemente vistos em sala de aula, configurando um espaço que exige, para além dos conhecimentos técnicos e específicos de cada professor, desenvolvimento humano, empatia e, sobretudo, respeito às diferenças e às complexidades de cada indivíduo.

Pensar em educação é trazer à sala de aula a realidade do aluno: seu conhecimento de mundo, gostos e anseios. Sobre o cenário atual, é inquestionável a importância de discutir e analisar as demandas psicológicas apresentadas pelos alunos e, igualmente, pelos professores. Em relação ao Preparatório, é possível dizer que a partir do comportamento estudantil, o corpo docente também apresentou sintomas referentes à mudança pós retorno presencial. Não há sujeitos que não tenham sido afetados pelo período de isolamento social, o que traz sérias

consequências para a sala de aula e para o processo de ensino aprendizagem. Nessa perspectiva, pensando em reparar as mazelas provocadas pelo período de exclusão, cabe um acolhimento não só aos alunos, como também a todos os profissionais da educação.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho foi uma observação participante da experiência em sala de aula, combinada, pensada e problematizada a partir de relatos dos educadores, dos alunos, dos responsáveis, da equipe social e da coordenação do projeto. As reuniões de equipe do projeto, configuraram o ambiente propício para que, além das trocas, das formulações de novas estratégias e do desenvolvimento de novas metodologias, a equipe pudesse estranhar o familiar, abrindo mão de concepções já definidas, a fim de atender as reais necessidades dos alunos, em todos os seus atravessamentos: da inquietação e dificuldade em acompanhar as aulas, aos conflitos familiares e interpessoais.

As adequações e criações de novas estratégias para melhor assistir aos alunos começaram a ser trabalhadas antes mesmo do retorno das aulas integralmente presenciais, durante a os encontros de imersão da equipe, acontecidos em dezembro de 2021, para pensar o planejamento do ano seguinte a partir dos últimos anos, considerando não apenas a defasagem, em termos de conteúdo, mas a já existente percepção (mesmo durante as aulas remotas) das mudanças comportamentais e de sociabilidade, sofridas pelos alunos.

Assim, uma das principais estratégias utilizadas para o ano de 2022 foi a alteração do foco do projeto que, para além das aprovações em escolas de referência em Ensino Médio, passou a conciliar esses conteúdos específicos com o reforço aos conteúdos escolares, respeitando as etapas e tempo dos alunos, estimulando a participação nas aulas e priorizando a manutenção do vínculo não só com o projeto, mas, sobretudo, com o processo educacional.

Da necessidade de reinventar o ambiente do projeto, para tornar a participação nas aulas mais atrativas, pensando sempre na interação entre os alunos, surgiram as atividades interprédios que, além de possibilitar a troca de saberes, facilita a integração social com jovens de outros espaços da Maré. Da mesma forma, surgiram os Grupos de Ancestralidade - uma atividade que trabalha o conhecimento sobre os antepassados e a reflexão sobre como as gerações anteriores contribuem para a construção da identidade e reflete no cotidiano e nas relações sociais - conduzidos pela equipe social do projeto (composta por assistente social e

psicóloga), que acontecem após o horário da aula, não são obrigatórios, mas possuem grande adesão dos alunos.

Contudo, é importante resgatar que as mudanças comportamentais dos alunos afetam diretamente o cotidiano da sala de aula e que, da mesma forma, são impactados os profissionais, tanto no que se refere à forma de lidar com tais mudanças (agressividade, ansiedade, situações de conflitos entre alunos e mesmo na relação com os educadores), como também no que tange a como foram atravessados e conformados pela pandemia.

Assim, foram também utilizadas estratégias de acolhimento desses profissionais, com a equipe social, pensando as dores, preocupações e anseios dos educadores. Combinadas com os momentos de escuta e acolhimento, foram realizadas Formações Pedagógicas e Grupos de Trabalho, ambos desdobrados posteriormente em sala de aula através de atividades com os alunos ou mesmo nos encontros mensais com os responsáveis.

Dessa forma, relacionando o conhecimento empírico trazido neste artigo, autores e pesquisas foram apresentados com o intuito de reforçar a discussão sobre o tema. Sendo assim, este artigo aborda vivências do ambiente escolar, tendo como ponto de partida a análise docente a partir do retorno às aulas presenciais, tal como a própria metodologia desenvolvida pelo projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

As consequências da pandemia viraram pauta na discussão do processo de ensino aprendizagem e relação em sala de aula, não só pelo rendimento discente, mas também pelas expectativas e visões do corpo docente. Uma pesquisa realizada com profissionais da educação do Complexo da Maré demonstra a insatisfação e desânimo dos professores a partir dos meses em isolamento social.

Professores e gestores educacionais compartilharam suas percepções sobre os impactos da pandemia no aprendizado dos alunos. O efeito negativo foi “muito alto” na percepção de 60%, enquanto outros 36% classificaram o impacto como “alto”. A soma dos dois grupos chega a 96% - quase a totalidade dos profissionais da educação ouvidos nesta pesquisa. (REDES DA MARÉ, 2022, p. 8)

Ao se observar os dados oferecidos pela pesquisa, é preocupante analisar o quanto os malefícios causados pela falta de recurso durante o período de reclusão possibilitou o mal estar docente. Como consequência, é possível perceber profissionais desgastados, sem a

percepção de melhora sobre investimento da gestão pública de educação, o que traz consequências no rendimento em sala de aula. Este descontentamento se agrava quando se leva em consideração o emocional destes profissionais, como confirmado na pesquisa:

Um dado que merece atenção especial por parte dos gestores públicos é que 70% dos profissionais disseram que sua motivação para trabalhar durante a pandemia diminuiu. Outros 8% afirmaram que aumentou, e 22% relataram que continuou a mesma. (*Ibidem*, p. 24)

O que tem feito os gestores educacionais para promover um melhor rendimento e acolhimento destes profissionais? Em contrapartida, quais recursos estão sendo oferecidos aos alunos para que lidem com as situações de desconforto e desestímulo proporcionados pela pandemia? Não há uma resposta objetiva para a solução destes problemas, entretanto, é possível elaborar práticas pedagógicas para promover uma melhor interação entre os profissionais da educação e corpo discente.

Vale destacar que, mesmo antes da pandemia, muitos profissionais da educação - em especial os professores - demonstravam insatisfação com o trabalho devido a uma série de questões: desvalorização docente, falta de investimento na educação, sobretudo pública, precariedade das instituições de ensino, etc., fator que se acentua a partir da somatória de demandas provocadas pelo isolamento social. Sendo assim, é possível observar um desgaste crescente entre o corpo docente, principalmente pelo contato com questões ainda mais urgentes, sem perspectiva de melhora ou apoio referente aos seus gestores. Dessa maneira, uma simples aula pode se tornar um desafio: manter a atenção do aluno, ter espaço para apresentar suas ideias e, sobretudo, apresentar conteúdos que até então não foram vistos pelos estudantes.

A partir do abatimento dos educadores, principalmente pela dificuldade dos alunos em assimilar determinados conteúdos, o Preparatório para o Ensino Médio pensou na mudança do conteúdo programático, ou seja, modificou o planejamento das disciplinas a partir das demandas trazidas pelos alunos e, conseqüentemente, pelos professores. Sobre o assunto, Paulo Freire (2013, p. 115) destaca que “o diálogo começa na busca do conteúdo programático”. Para o autor, pensar no conteúdo trabalhado em sala de aula é permitir uma educação mais próxima e dialógica ao aluno. Dessa maneira, partindo do princípio que os alunos não lembram, ou sequer viram determinados conteúdos, é fundamental que haja como prática pedagógica a retomada destes assuntos, mesmo que possam parecer atrasados. Sendo

assim, quando o educador trabalha de maneira contrária à expectativa de “passar conteúdo”, mas sim de possibilitar maior segurança aos alunos, observa que a frustração referente ao conteúdo programático é enfraquecida.

Ainda sobre a dificuldade do aluno em retomar alguns conteúdos, Paulo Freire comenta que

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2015, p. 31)

Nesse sentido, é ainda mais importante que o processo de ensino aprendizagem não seja visto como simples despejo de conteúdo. Dessa forma, pensar em modificações do conteúdo programático (e na forma como ele é ensinado) e relacionar o conhecimento de mundo do aluno aos temas trabalhados em sala de aula permite uma proximidade com o corpo discente, além de formá-los voltados ao pensamento crítico, sem a insegurança - que já é elevada atualmente - por não decorar ou lembrar de algum dado. A partir desse processo, o educador e educando são beneficiados em suas formações enquanto sujeitos no mundo.

No que se refere aos alunos, estes também apresentam suas expectativas e inquietações em relação à pandemia. Devido à imaturidade ou pouca idade, acabam sentindo dificuldade em apresentar com clareza suas demandas, o que pode promover ou potencializar desconfortos e barreiras na relação com a escola e com a comunidade escolar. Aqueles que conseguem analisar suas necessidades e as consequências promovidas pela interrupção de sua rotina e atividades, definem:

Do ponto de vista dos alunos, 69% reconheceram que a pandemia prejudicou seus estudos. Entre os motivos apontados pelos estudantes, estão a dificuldade de adaptação ao ensino remoto (35%) e problemas de aprendizagem (28%). Uma parcela dos alunos disse que não conseguiu se organizar (20%) ou estudar (18%) nesse período, enquanto (16%) afirmaram nem sequer ter compreendido o que precisavam fazer para seguir com os estudos. As dificuldades também foram da natureza emocional, como desmotivação (21%) e tristeza (9%), além de problemas com a própria saúde (9%). Sem falar na falta de acesso à internet. (REDES DA MARÉ, 2022, p. 8)

É importante ressaltar que, embora a pesquisa apresentada neste trabalho não tenha sido realizada com os estudantes do projeto aqui apresentado, é possível - se não necessário - perceber e apontar a semelhança com a realidade vista em sala de aula, principalmente se

considerando tratar-se de alunos de camadas mais vulneráveis, como os estudantes do Preparatório para o Ensino Médio.

Como exemplo desta afirmação, é possível trazer alguns relatos proporcionados pelos educadores do projeto, que relatam maior agressividade entre os alunos. Segundo eles observam, muitos estudantes acabam por utilizar da violência (seja ela física, através de tapas e empurrões, ou verbal, com ofensas e xingamentos) para solucionar questões provocadas por uma simples falta de comunicação. Dessa forma, um empréstimo de material ou esbarrão provocado por desatenção podem ocasionar agressão física ou verbal, por exemplo. Tais comportamentos já ocorriam antes da pandemia, mas o que é possível perceber é que se agravaram ainda mais no último ano. É constante o comportamento apresentado pelos discentes relacionados à violência, principalmente no que diz respeito ao uso de agressividade para apresentar uma demanda que eles não conseguem, por algum motivo, verbalizar.

Como possível estratégia de combate a esses comportamentos violentos, o Preparatório para o Ensino Médio promoveu rodas de conversa, nas quais alunos, educadores, equipe social e coordenação discutiram a prática da violência e dos sentimentos por trás dela. É importante destacar que, embora fundamental, a discussão com os jovens não ocorre com frequência entre as instituições escolares, como reforçam Gomes e Lobato :

Convém sublinhar que a cultura escolar contemporânea não se tornou receptiva à linguagem ao diálogo fecundo, ao agir comunicativo, às várias formas de expressão dos educandos. Além de desconsiderar “a cultura juvenil, a qual se caracteriza por ser dinâmica, diversa, flexível e móvel” (ABRAMOVAY, 2019, p. 26), inviabilizou também, como consequência um processo educacional mais efetivo, participativo, interativo, dialógico e criativo. (GOMES; LOBATO, 2021, sem página)

Dessa maneira, criar pontes com o corpo discente pode ser uma tarefa complicada, uma vez que o mesmo não é realizado e praticado pela escola. Entretanto, ao passo que a equipe se reformula, promove maior abertura ao diálogo e possibilita espaço para que os alunos apresentem suas questões, percebe-se a melhora nas relações entre os estudantes, na relação educador-educando, e igualmente, na participação no projeto.

Outra atitude que permite analisar a mudança entre os estudantes é a relação entre professor e aluno. Os alunos do Preparatório possuem entre 13 e 15 anos, são todos ou alunos do 9º ano do ensino fundamental ou do 1º ano do ensino médio, ou seja, séries avançadas em comparação com os estudantes mais novos, em início de trajetória escolar. Entretanto, embora

estejam “avançados” em relação aos outros alunos, apresentam comportamento que os remetem à fase infantil escolar, nomeando os educadores e profissionais da educação de “tio” ou “tia”, por exemplo. Vale informar que é comum encontrar esta forma de tratamento em estudantes até o 6º ano do ensino fundamental – uma vez que ainda são novos e ainda estão conhecendo os hábitos escolares. Em contrapartida, deparar-se com estudantes que ainda realizam costumes relacionados às fases primárias de ensino demonstra o quão inertes estão, ou, até mesmo, que este é o momento em que eles iniciam seu amadurecimento.

Relacionando os relatos da equipe sobre a mudança comportamental dos alunos, a Paulo Freire, temos que:

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. (FREIRE, 2015. p. 36)

Dessa maneira, cabe ao corpo docente observar o novo, sem julgamento, pensando em possibilidades de estabelecer a educação de maneira democrática e acessível aos seus públicos. Relacionando o pensamento de Freire ao período atual, é importante pensar nas consequências da pandemia, desde possíveis benefícios às mazelas, o que pensam os alunos até as frustrações e percepções do educador.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das demandas trazidas pelos atores do ambiente educacional, algumas alternativas foram pensadas para promover maior conforto e vínculo em sala de aula. A primeira estratégia - e esta vista como mais eficaz - é o estímulo e promoção do diálogo, não só entre professor x aluno, como também entre responsáveis e profissionais da educação. Do ponto de vista estudantil, estimular o diálogo é permitir que o aluno apresente suas demandas e necessidades reais. Dessa forma, dando espaço para que os alunos apresentem suas questões, é possível elaborar metodologias para atuar de maneira significativa em práticas pedagógicas e, conseqüentemente, melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem. Paulo Freire afirma:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2013, p. 109)

O Preparatório, pensando em uma educação dialógica, proporcionou momentos de escuta e, a partir dos desejos dos alunos, realizou atividades elaboradas pelos próprios discentes. A partir dessa ação, foi possível perceber maior envolvimento do aluno com o projeto, além de uma melhora no processo de autoestima destes jovens. No momento em que suas ideias foram ouvidas e executadas, o diálogo, para além de uma simples conversa, foi uma realização. Dessa maneira, atividades de interação entre as turmas, como lanche coletivo, aulas de primeiros socorros e festa de Halloween, surgiram como ideia dos alunos e marcam o desejo de interação, socialização, e, sobretudo, cuidado com o bem estar do outro, características interrompidas pelo período de isolamento social.

O que é possível perceber, e é de comum acordo entre a equipe, é que os alunos, na ânsia de recuperar o tempo em que estiveram em casa, acabam cometendo comportamentos vistos anteriormente como exagerados e imaturos. Entretanto, partindo do pressuposto que seu processo de socialização foi interrompido, além de estar em um período de transição e mudança, que é a adolescência, os alunos não conseguem administrar seus sentimentos e, por isso, cabe um acompanhamento mais próximo da instituição escolar.

Dessa maneira, pensando no comportamento estudantil e também na troca entre a equipe, Grupos de Trabalho (GT's) foram elaborados como ferramenta para lidar com os, também como forma de escuta, formação e acolhimento docente. Nessa perspectiva, no momento em que a promoção do diálogo e troca são instigadas para a melhoria da relação com o discente, ignorar a situação dos profissionais da educação é não cuidar do processo educacional por completo, além de alimentar a desvalorização e insatisfação docente. Dessa maneira, cabe o acolhimento não só ao aluno, mas a todos os envolvidos no ambiente escolar, como apontam Morgado e Oliveira:

A escola deve desenvolver um contexto de significação congruente com a mediação. De pouco servirá que as crianças e os jovens estudantes sejam sensibilizados e treinados para uma cultura de diálogo, de escuta e de pacificação das relações interpessoais, se o discurso de educadores e docentes for incoerente com esta postura. (MORGADO; OLIVEIRA, 2009, p. 50).

Uma vez que os desafios em sala de aula estão maiores, cabe um espaço maior de escuta e interação entre equipe, para que juntos possam pensar em estratégias para “driblar” as situações problemáticas. O mesmo vale aos alunos, que cada vez menos se sentem atraídos ao ambiente escolar, local este já entendido como desinteressante e opressor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já apresentado anteriormente, a educação é um processo singular e, pensando nos danos causados pela pandemia, não há uma instrução para solucionar todas as mazelas que vieram durante o período de isolamento social. Dessa forma, o que é possível analisar é que o período de pandemia agravou uma situação já delicada e necessitada de cuidados, principalmente no campo educacional. Entretanto, como trabalhar educação é lidar com constantes mudanças, cabe uma reformulação pedagógica e maior abertura para que os alunos e comunidade escolar apresentem seus pensamentos. Sendo assim, o que este artigo pretendeu discutir é a possibilidade de novas metodologias para minimizar os danos já vistos em sala de aula.

Sabemos que as consequências da pandemia serão vistas por mais anos, e não há expectativa de melhora caso novas metodologias e práticas pedagógicas sejam postas em prática, sempre com o foco no que o aluno traz, seu conhecimento de mundo, além, é claro, da percepção e bem estar docente. A educação é um processo coletivo, e só será eficaz e transformador com a percepção e contribuição de todos, como afirma Freire:

Sempre confiáramos no povo. Sempre rejeitáramos fórmulas doadas. Sempre acreditáramos que tínhamos algo a permutar com ele, nunca exclusivamente a oferecer-lhe. Experimentáramos métodos, técnicas, processos de comunicação. Superamos procedimentos. Nunca, porém, abandonamos a convicção que sempre tivemos, de que só nas bases populares, e com elas, poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas. (FREIRE, 2013, p. 134)

Educar é estar em constante mudança, pensando sempre em seu público alvo. É analisar o que pode ser utilizado, questionar o material didático apresentado, trazer e instigar o aluno a sala de aula e conteúdo visto. Pensando no aluno pós isolamento social, é fundamental apresentar mudanças, como um novo planejamento de aula, maiores interações da turma, maior espaço de escuta. Há também a necessidade de buscar acolhimento e escuta aos profissionais de educação, estes também afetados pelo período de reclusão, com



expectativa e desafios, sobretudo no retorno às aulas presenciais. Dessa maneira, só a partir de uma educação acolhedora será possível traçar novos caminhos.

AGRADECIMENTOS

À equipe do Preparatório para o Ensino Médio e do Preparatório para o 6º ano: educadores, assistentes de coordenação, psicóloga e assistente social, que a partir da confiança na educação e troca de experiências, possibilitou a discussão de novas metodologias e a escrita deste artigo, juntamente aos alunos participantes do projeto, que nos impulsionam para a discussão e elaboração de novas aulas e práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GOMES, H. M.; LOBATO, V. S. **Conflito escolar, diálogo e mediação de conflitos: interseções e contribuições pós-pandemia**. Rev. @mbienteeducação, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 555-579, set./dez. 2021.

MORGADO, C.; OLIVEIRA, I. **Mediação em contexto escolar: transformar o conflito em oportunidade**. EXEDRA: Revista Científica. Publicação Eletrônica Semestral da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, v. 7, p. 43-58, 2009.

REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ. **Covid-19 e o acesso à educação nas 16 favelas da Maré: impactos nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio**. 2022. Disponível em:

<https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/Educacao_Pesquisa_Mare.pdf>

Acesso em: 07 out. 2022.